

SG TAG SERIES PRE01

STRATEGIC GEAR. TACTICAL ADVANTAGE. COMPLETE CONTROL.

CHAMBER

7

OPERATION:
FORBIDDEN MERGE
ANIMA CONTAINMENT
FAILURE

GRAVITA
CRUSH
EXPERIMENTAL
PHASE VII
CATASTROPHIC
INSTABILITY

ANIMA
CONFLUENCE
EVENT
SUBJECT:
UNSTABLE
CLASS Q



P23

OBSERVATION DECK

THE HAWKER'S VIGIL

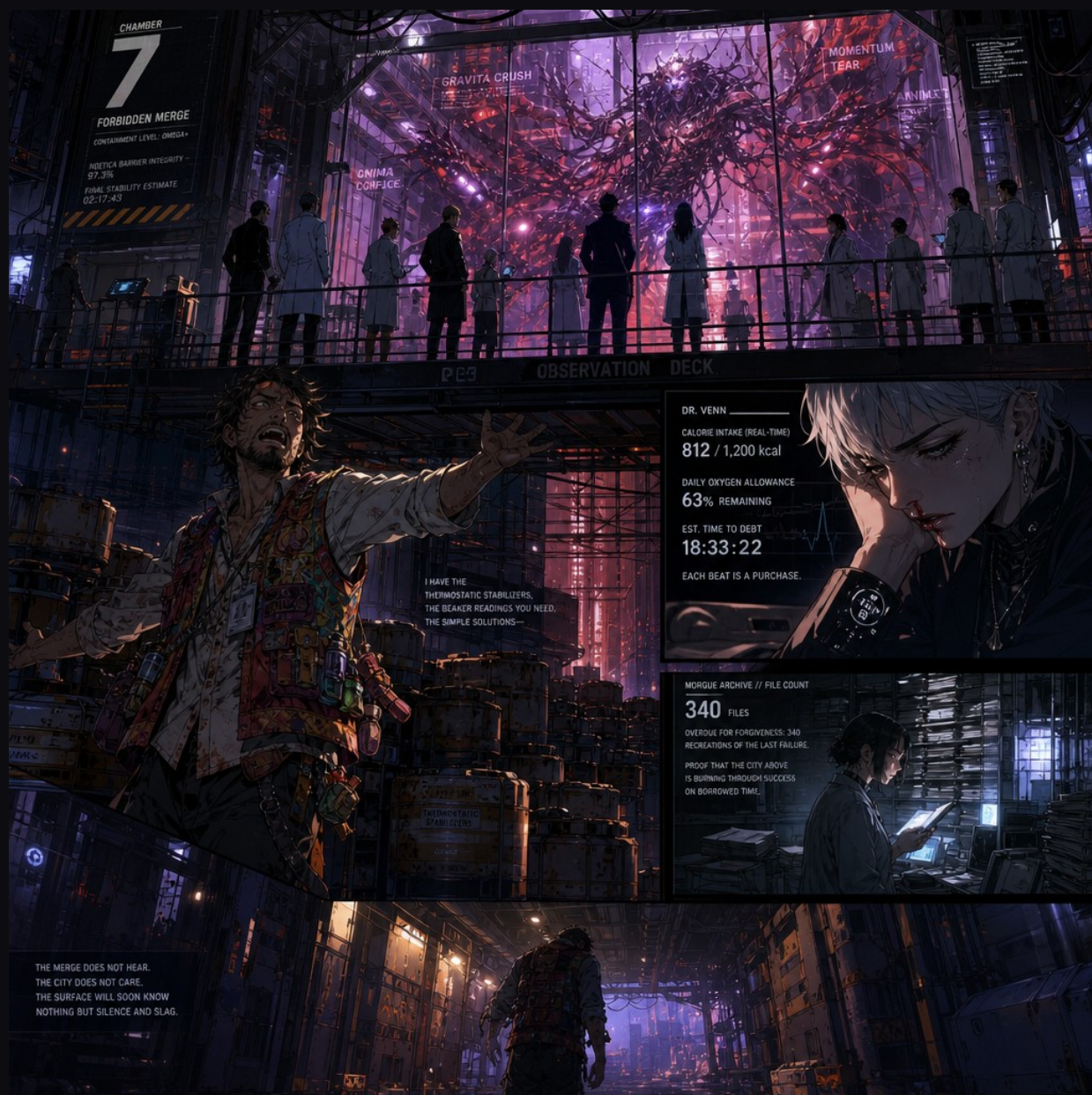
BELOW THE SHATTERED CHAMBER

LAB-7 // BLACKBRIAR FACILITY
STATUS: **CRITICAL**
CLEARANCE LEVEL: **OMEGA+**

TAC SERIES — PRE01
SPECIAL EDITION COVER



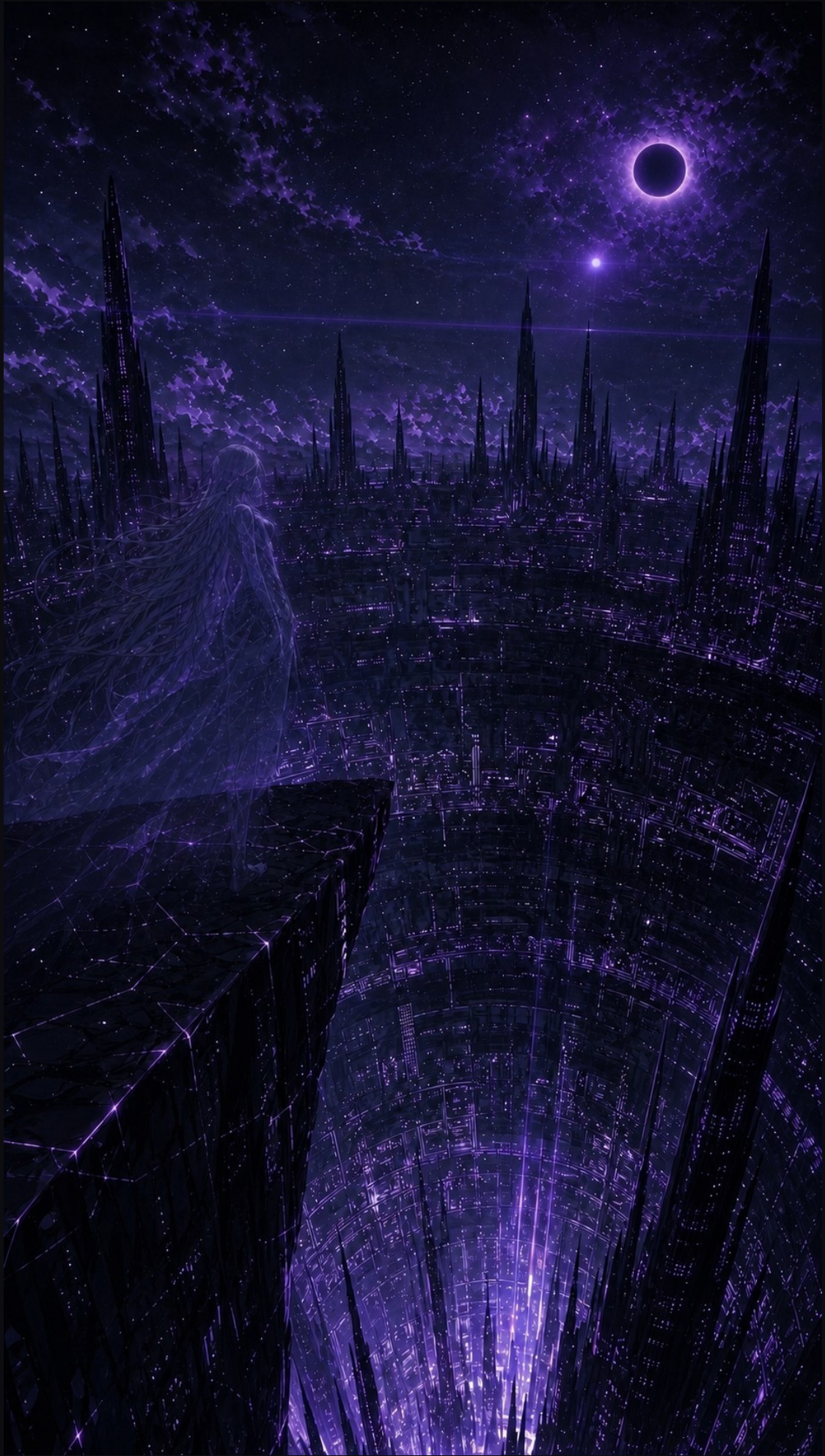
TACTICAL SYSTEMS
GUIDE 1



Câmara 7 onde a Fusão Proibida se contorce em agonia púrpura-e-carmesim, oscilando entre o esmagamento da Gravita e o rasgar do Momentum. Sua voz se quebra: Tenho os estabilizadores termostáticos, as leituras do frasco que você precisa, as soluções simples - mas as palavras se dispersam inauditas no zumbido das barreiras de Noetica, e seus ombros tremem como se tivessem sido atingidos.

Sua voz se quebra: Tenho os estabilizadores termostáticos, as leituras do frasco que você precisa, as soluções simples - ...

Mas as palavras se dispersam inauditas no zumbido das barreiras de Noetica, e seus ombros tremem como se tivessem sido atingidos.





Cidade da Cratera. Ápice Obsidiana. O eclipse que nunca termina.
Relevos reativos a UV jazem dormentes na escuridão — até que você esteja
perto o bastante para importar.
Sem curvas. Sem misericórdia. Vinte milhas de descida engenhada abaixo.
A perfeição, aqui, é indistinguível de um cerco.

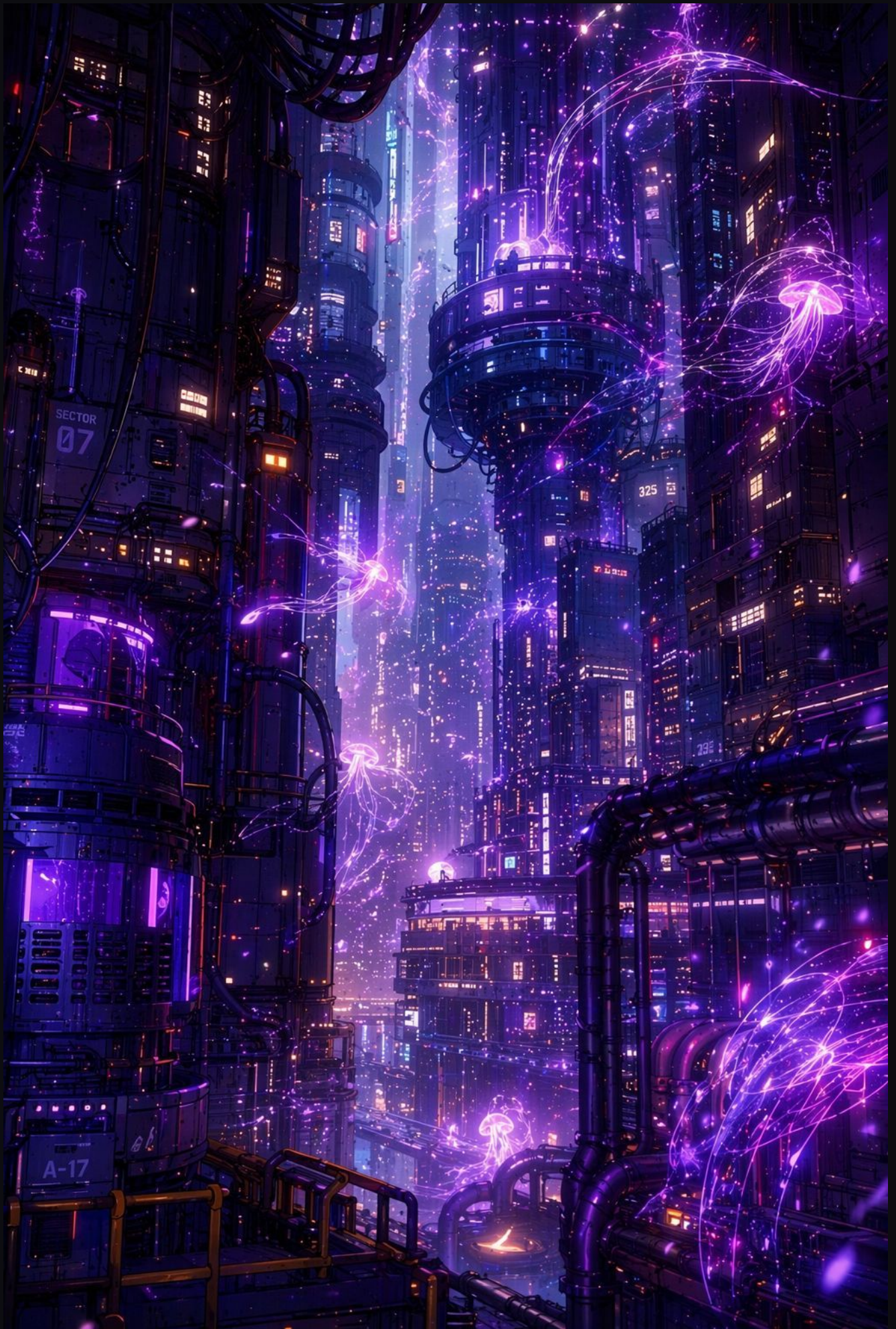


Crater City nunca pergunta se você pode pagar pelo ar que respira.

Ele tem feito a si mesmo essa pergunta todas as noites por mais tempo do que as bordas do chip conseguem contar.

A sibila das pequenas misericórdias: uma moeda corroída entre a asfixia e outro turno.

Ele avança para o violeta. A escuridão fecha sua boca atrás dele.



Nenhum arquiteto está aqui.

Mas o ar carrega sua assinatura — alquímica, assombrada, precisa.

A Anima não espera ser invocada neste lugar.

A realidade desgasta-se. Um farol sem ninguém para lê-lo.



CIDADE CRATER — ANEL INDUSTRIAL

Vinte quilômetros de conformidade cerâmica. Quarenta e cinco mil rostos por trás de juramentos espelhados.

A Magnetica conduz. A humanidade torna-se o instrumento.

Aqui, o indivíduo não se perde — é catalogado, depois consumido pela máquina que nasceu para alimentar.



Cidade Cratera. Salão de Fabricação Sete.

Percentuais de rendimento sobem. Contagens de defeitos as acompanham.

Os braços robóticos movem-se com a consciência de uma divindade — fanáticos, sincronizados, frios.

Nenhum calor alcança o chão. Nunca alcançou.



Onze anos de quietude.

Um dedo. Um número arredondado. A Diretoria apaziguada.

À sua volta, trabalhadores sintéticos movem-se sonolentemente pelos seus protocolos — temivelmente precisos, surdos à diabólica arrumação doméstica que se desenrola à margem.

Nos salões de fabrico da Cidade da Cratera, a heresia mais transcendental enverga o rosto da rotina.



O PULMÃO OBSIDIANA — SEXTA HORA

Duzentos metros de respiração reciclada. Quinhentos engenheiros que conhecem precisamente o som do fracasso.

Spacia dobra o ar: dez metros de duto contêm cem metros de fome. A cidade exhala através de uma geometria que não consegue ver completamente.

Não glória. Não conquista. Apenas a aritmética inglória de não morrer na escuridão.



Vinte milhas de gravidade dividida. Silêncio onde deveriam ecoar gritos. Ela se afasta da Plataforma Cinquenta e Sete. O fluxo Gravita a captura — não com violência, mas com a indiferença cirúrgica de uma cidade que nunca aprendeu piedade. Abaixo: patamares mortos. A Escória Espiritual reivindicou suas cotas de energia. Acima: os Sóis Negros ardem sem desculpas — hierarquia feita espacial, valor medido em lúmens. O poço não se importa em qual direção você cai.



O Ápice — onde o silêncio é comprado, não conquistado.

Raízes de obsidiana agarram o nada. Gravita é quem se ajoelha.

Abaixo, 150 mil vidas exalam vitalidade para cima, para que estes poucos respirem limpo.



Hora Corporativa prolongada. Noventa minutos, consenso de três níveis.

Nas Profundezas, o teto esquece-se de escurecer.

Ninguém foi ensinado a palavra para isto — só o corpo o sabe.

Acima, no Vazio, aquele que assinou o memorando dorme sem permissão de ninguém.

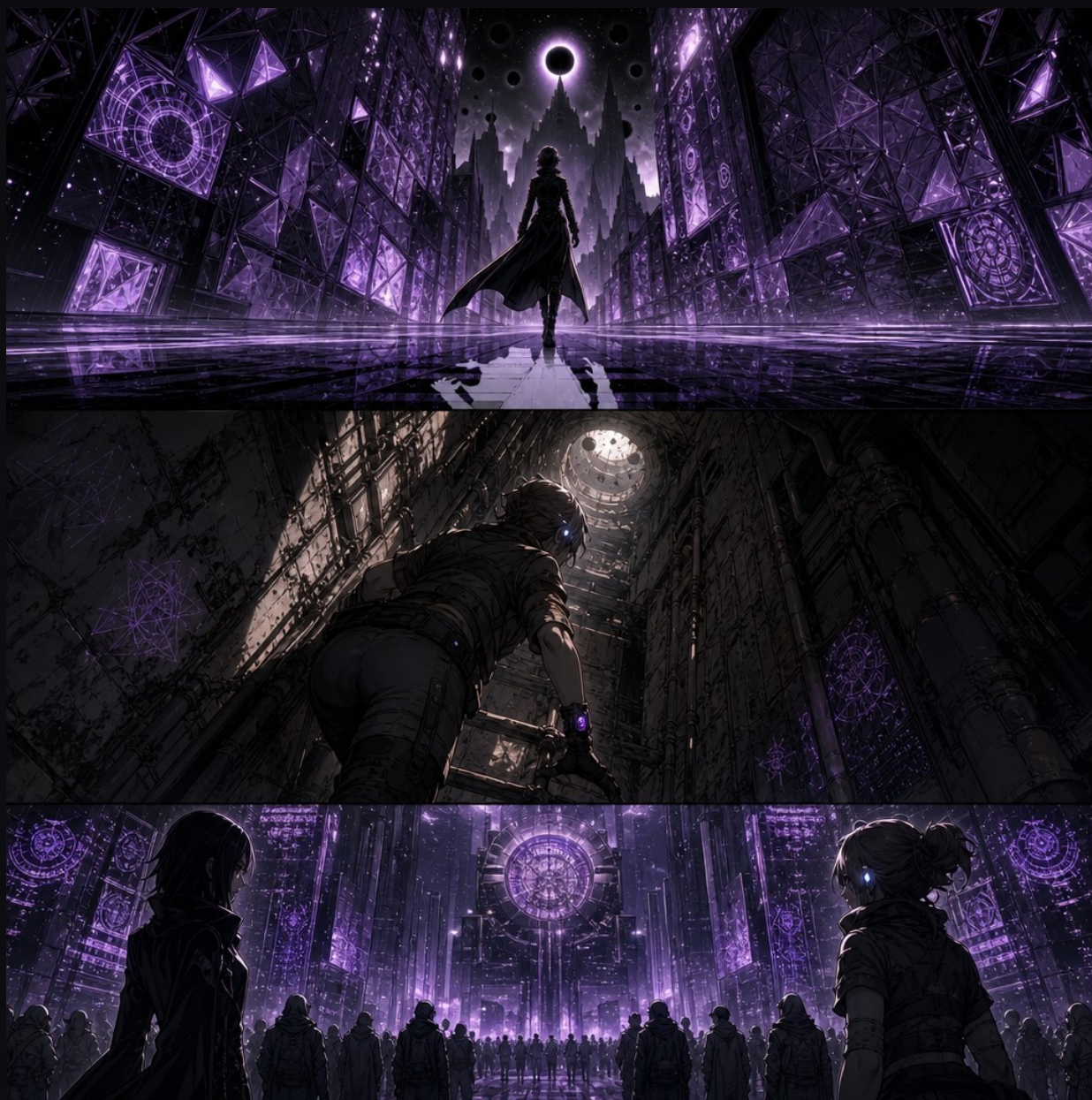


A canção de embalar desfaz-se em estática. Os brinquedos recordam o que eram antes de serem macios.

Algures atrás do vidro — uma criança que já não projeta a sombra certa.

A coisa de peluche fala em coordenadas. Sepulcral. Resoluta. Precisa demais para confortar.

O que quer que vigie a partir da ama de olhos brilhantes está aqui desde antes de o berçário ser construído.



Duas figuras convergem através da geometria colapsa de Crater City. Uma descendo da escuridão absoluta do Vazio, a outra ascendendo dos estratos sufocantes do Abismo.

A representante da Diretoria caminha sobre obsidiana polida. Sua sombra é um inverso fantasmagórico branco-fantasma, projetado pelos Sóis Negros que já não pulsam em ritmo sincronizado.

A saqueadora sobe através de passagens desgastadas. Seu implante de pulso deduz calorías pela luz que tomou emprestado para selar uma válvula de pressão que deveria ter estourado semanas atrás.

Entre eles, a geometria da cidade trai seus arquitetos.

Quando se encontram no limiar cívico, os fractais em cada parede brilham com um violeta doentio, não autorizado. Não a geometria limpa do controle, mas a cor de algo despertando.



UM MILHÃO DE ALMAS — RESOLUTAMENTE NÃO RESSUSCITADAS.

Nos anfiteatros de obsidiana polida, o oficialismo pronuncia seu refinamento a crianças que já conhecem a geometria do cativeiro.

Abaixo, na escuridão em favos de mel, a verdura proibida brilha em safira e jade — uma liturgia de sobrevivência, subterrânea e concordante.

Acima de tudo, a lua presa: hierofanta celestial do eclipse permanente. Seu cântico sobe como fumaça de uma pira invisível — 'Somos o eclipse encarnado.'



UM MILHÃO DE ALMAS — RESOLUTAMENTE NÃO RESSUSCITADAS.

Nos anfiteatros de obsidiana polida, o oficialismo pronuncia seu refinamento a crianças que já conhecem a geometria do cativeiro.

Abaixo, na escuridão em favos de mel, a verdura proibida brilha em safira e jade — uma liturgia de sobrevivência, subterrânea e concordante.

Acima de tudo, a lua presa: hierofanta celestial do eclipse permanente. Seu cântico sobe como fumaça de uma pira invisível — 'Somos o eclipse encarnado.'



A DIRETORIA DA CIDADE CRATERA

Doze operadores do anfiteatro profundo — envolvidos em autoridade de carvão, seu brasão de insígnia frio como a pedra abaixo.

Empatia: sublimada. Resolução: absoluta.

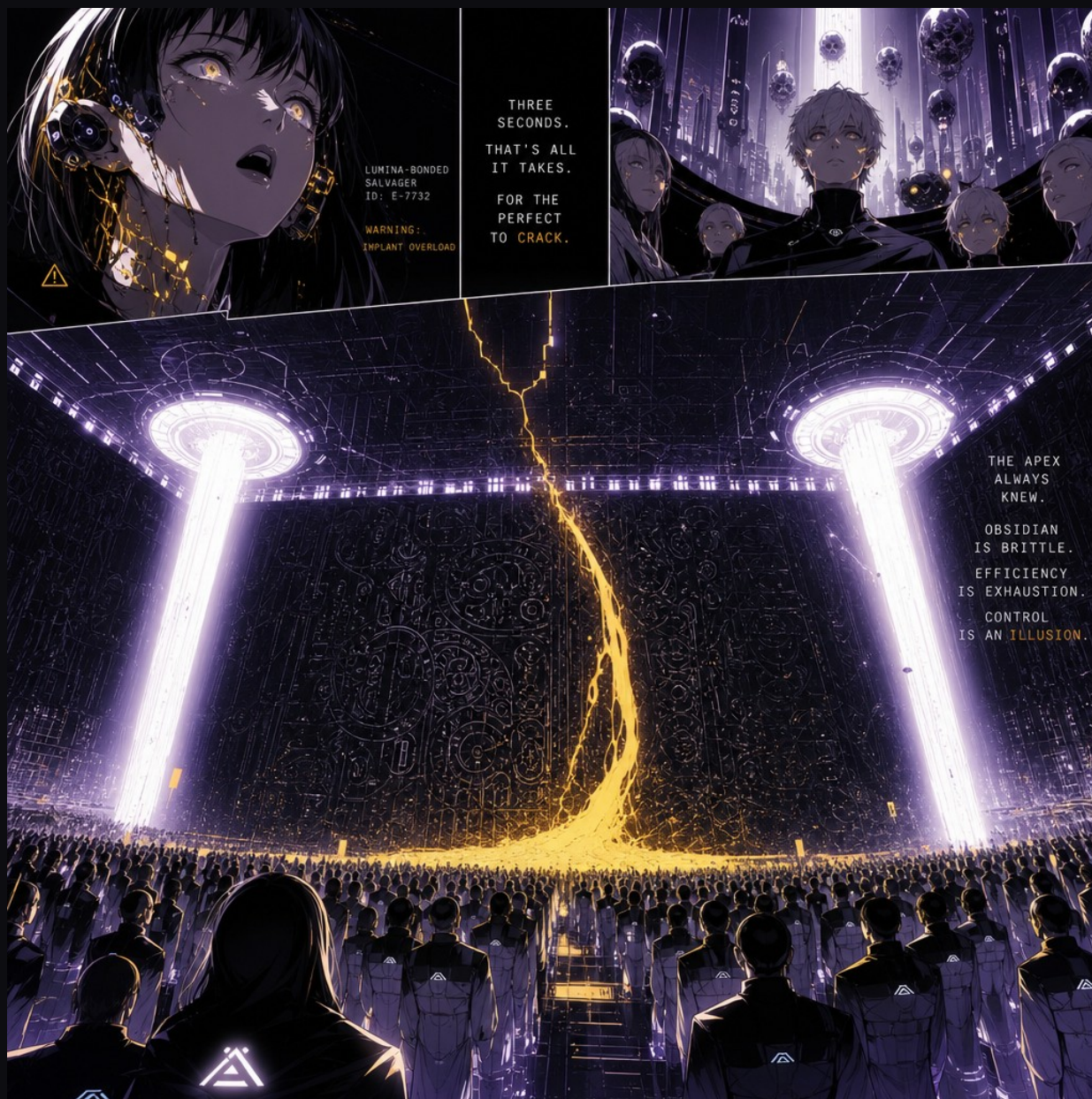
Aqui, o terror primordial da governança veste um rosto drenado de cada escrúpulo que um dia conheceu.



Corpos dispostos em anéis concêntricos pelo chão negro do Teatro da Sincronização.

Precisão superlativa.

No Andar 16, o Laboratório do Ciclo Temporal aparece como um único ponto luminoso — o impacto da gota eterna congelado em meio-respingo — circundado por observadores cujas sombras se estendem para fora em linhas irradiantes que flutuam e se recentram com iminência enquanto a estrutura se reinicia.



Dez mil vozes sincronizam-se na recitação. Seu hálito move-se através da UV-Grid em formação perfeita, um monumento à própria disciplina da cidade. Então a veia obsidiana se divide. Uma fratura capilar chora fluido de escória para baixo em uma fita densa e luminosa, brilhando com um âmbar enfermo. O hálito sincronizado da multidão se prende. Naquela janela de três segundos, cada cidadão testemunha a mesma verdade inescapável: a geometria perfeita da cidade está se fragmentando.

Uma catadora ofega quando seu implante queima. Ela sente a confusão do Espectro ondular através de seu sistema nervoso—uma sensação como testemunhar a ordem desabar em estática.

Três segundos é tudo o que leva para o sistema revelar suas fraturas.

Sem pânico. Sem pausa. Todos continuam...



Duas décadas lendo obsidiana com as mãos nuas — e hoje, a parede confessa. Escória Âmbar infiltra-se pela brecha como algo que esperou a vida inteira para ser sentido.

Para além da câmara, a governança encena a sua coreografia meticulosa. Ela não diz nada.

Algumas verdades não podem ser codificadas em procedimento. Apenas carregadas — sozinha — até a fratura aprofundar-se.



Cidade da Cratera, Plataforma Cinco. Seiscentos metros quadrados. Dois mil corpos.

O monotrilho não espera pelos dispostos — apenas pelo ímpeto hidráulico dos obedientes.

A filha de uma paleontóloga, erguida do convés pela pura massa mortal, aprende o que sua parentela aprendeu antes dela: o sofrimento é simplesmente mais um parâmetro de turno.

No Setor Oito, as portas se abrem. A cidade bebe o que o medo destilou de dois mil pulmões aterrorizados — filtrado, devolvido, sem cerimónia.



Quinze anos de luz de leitura — e o jardim está gritando.

Amarelo-verde doentio: o grito cromático de um bilhão de colônias se afogando.

Seu Vitalis irrompe. Dor emprestada. A Corrente cobra seu tributo em cobre.

O verde se atenua. Ela já está em movimento — seu corpo ultrapassando o luto que sua mente ainda não se atreveu a nomear.



Trinta metros abaixo da plataforma de observação, um mercador se arrasta entre cilindros de suprimentos, vendendo estabilizadores para pesquisadores cujas costas permanecem viradas.

A Câmara 7 se contorce em agonia púrpura e carmesim. Uma Fusão Proibida cintilando entre a lente esmagadora de Gravita e a lágrima carmesim de Momentum.

A Dra. Venn permanece rígida em sua mesa de cerâmica. Um sangramento nasal prateado pinga em sinconia com a contagem regressiva de calorias de seu implante de pulso—cada batida do coração um roubo de oxigênio.

Dois Anima presos em conflito obscuro. Suas físicas opostas rasgam a realidade em geometrias fraturadas, precipitando entre estados com velocidade ofuscante.

O mercador se retira para os corredores inferiores em favo de mel. Carregando suas mercadorias inúteis em direção a uma superfície em breve

